

ENTREVISTAS / RESUMOS



“O MUNDO JÁ ACABOU, E AGORA O QUE FAZER?”

*Por Deyse dos Santos Moreira
(Universit  Sorbonne Nouvelle Paris 3)*

ENTREVISTA A LUÍS QUINTAIS

Deyse: O recurso da descri o na constru o das imagens em seus poemas   frequentemente apontado pela crítica. Por outro lado, está bem presente neles a temática da ausência. Nesse sentido, poderia ser contraditório o recurso da descri o tecer uma temática de vazios. Parece-me que essa contradi o se desfaz na medida em que os traços do descrever, que deveriam situar-nos nos espaços do poema, ao invés de reforçar os contornos, dissipam quaisquer realces, dando-nos uma ilusão de apreensão para instigar a imagina o. Você partilha dessa ideia de que o ato de descrever em seus poemas se concretiza em seu avesso?

Luís Quintais: Talvez em um certo sentido, porque aquilo que escrevo tem uma dimensão desconstrutiva, destrutiva, como se procurasse justamente mostrar esse avesso. Eu gosto de uma defini o do que   desconstru o que   dada por um filósofo e antropólogo francês chamado Bruno Latour, que diz que a desconstru o   uma forma de destrui o em câmera lenta. Aquilo que eu escrevo tem muito a ver com uma reflexão sobre o papel e a natureza da linguagem e sobre a opacidade da linguagem, sobre a impossibilidade de ela em dizer o mundo e, nesse sentido, justamente, a impossibilidade de preencher o vazio, a ausência. A ideia de que o sentido   contingente, instável, algo que nós tentamos agarrar, sabendo que não podemos de todo agarrar, essa   sem d vida uma das ideias que move o poema. A ideia de que o poema serve para preencher de alguma forma a ausência, o vazio, sendo porém um trabalho sobre a linguagem que nunca está fechado, que existe em processo. Nesse sentido, aquilo que escrevo   muito reflexivo. A reflexividade   uma das modalidades mais sublinhadas ao longo do meu percurso. Trata-se da poesia enquanto música do pensa-

mento. Como um registo que poderia ser definido como uma meditação lírica, em consonância com aquilo que encontro em Wallace Stevens, que é porventura o mais importantes dos poetas do século XX e uma sombra tutelar naquilo que escrevo.

Deyse: Nesse sentido do preenchimento do vazio como processo, algo inacabado, você não acha que os seus poemas poderiam sugerir que as coisas, de uma certa maneira, preenchem esse vazio, refletindo a ilusão de que elas nos dão a ilusão de aconchego, estando sempre a depositar algo no eu-lírico ou ocupando um lugar de identidade falhada, incompleta? Ou seja, o sujeito passa a ser as coisas que possui. As coisas como elo do eu-lírico com o mundo moderno e daí o consumismo ter um papel tão principal na vida do sujeito, proporcionando bem-estar, “preenchendo o vazio”.

Luís Quintais: Talvez estamos a falar em duas coisas diferentes, mas que estão relacionadas. Estávamos a falar de uma dimensão quase metafísica, propriamente da natureza da linguagem, ou seja, o que é a linguagem e qual a sua relação com o mundo e, de repente, passamos a falar de algo que tem a ver com a dimensão política da poesia. Acho que a minha poesia tem uma dimensão política forte, não em sentido estrito, mas num sentido poético. O que podemos fazer para preencher esse vazio que não é apenas um vazio da linguagem, mas é um vazio das nossas existências, um vazio que talvez derive dessa espécie de experiência secular que nós vivemos, uma espécie de desencantamento profundo. A poesia é uma espécie de sobrevivência, um vestígio do mundo encantado num mundo profundamente desencantado, qualquer coisa que vem de outro tempo e de outro lugar. Há uma alteridade da poesia nesse sentimento. Poesia é alteridade num tempo onde essa diferença acaba por não fazer a diferença porque vivemos num mundo onde a poesia não tem importância nenhuma. Talvez essa alteridade da poesia a torne mais encantadora, há uma certa potencialidade de reencantar o mundo através da poesia... Pode ser uma crença ilegítima, mas é a única crença que nos move quando escrevemos. Esse momento de crença pré-moderno existe naquilo que faço. A crença é prévia a qualquer experiência humana, se nós não acreditarmos... Temos que postular algumas coisas, partir de algo postulado. Portanto, essa dimensão, essa possibilidade de reencantamento através da linguagem, continua. Eu gostaria de me descrever como um poeta pós-moderno. Para mim, pós-modernismo significa pós-holocausto. Eu acho que a minha poesia, à medida que o tempo foi passando, tornou-se cada vez mais adulta. Ela parte de uma sensibilidade profundamente melancólica que se torna uma sensibilidade elegíaca. Uma sensibilidade que deriva de uma espécie de consciência trágica do que poderá ser, talvez, o fim da história. Eu levo o pós-modernismo muito a sério porque eu acho que ele significa pós-holocausto. Defenderia o ponto de vista de que Auschwitz é a última estação de experiência ocidental. Todo o projeto utópico moderno acaba com o extermínio. E nós continuamos a viver sob o império do extermínio de uma certa forma. Basta olhar para os animais. As condições do

extermínio continuam presentes no nosso mundo. Qualquer escritor que escreva hoje, qualquer poeta, tem que se confrontar, de uma forma muito séria, com a dura experiência de que nós escrevemos depois de o mundo ter acontecido. O mundo já acabou, e agora o que fazer? Continuamos a escrever depois disso. Movimento insensato. O Adorno viu isso muito bem quando disse que escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro. Há alguma coisa de bárbaro e insensato, há uma falta de sensatez no escritor de poesia sem dúvida.

Deyse: Em face desse mundo desencantado para o qual a poesia poderia trazer beleza, “encantamento”, já que ele acabou e estamos sem saber o que fazer, e diante do formato da poesia, texto geralmente curto, que poderia circular facilmente pela internet, adaptando-se bem às novas tecnologias, aos blogs etc., não parece contraditório ela estar cada vez mais sem espaço?

Luís Quintais: Ontem eu comentava isso com um amigo meu, que é escritor de ficção, chamado Jacinto Lucas Pires, que acaba de lançar um livro, e eu perguntava-lhe por que escreve romance, porque, de fato, eu concordo com isso. Estranhamente a poesia e o conto são formatos que têm essa dimensão da velocidade, intensidade, seriam absolutamente articulados para o tempo presente em que de fato não temos tempo para ler. Então, por que a poesia não é um formato para o tempo presente? Para mim, isso continua a ser uma incógnita, é uma grande ironia sem dúvida. Eu não tenho resposta para isso. Pensando na frase do Adorno, é curioso porque, se nós pensarmos bem, se calhar, o que é bárbaro é escrever prosa, porque a poesia é a única forma que nós temos de falar daquilo que se não pode falar, ou seja, a ideia de irrepresentável, o extermínio. Tem uma dimensão do irrepresentável que nós não podemos compreender. A única possibilidade de fazer isso é através de um lance elíptico, que sugere mais do que diz. Isto está do lado da poesia e está muito pouco do lado da prosa: essa elipse, essa sugestão. Há uma urgência e há uma necessidade na escrita de poesia que é muito difícil de encontrar em outro lugar. Isso está fortemente do lado da música e da poesia

Deyse: Em entrevista com o João Luis Barreto Guimarães, publicada em 2006, você menciona que “Todo o real é também uma construção, uma invenção humana (na dupla acepção entre o descoberto e o criado) (...) Por outro lado, dir-se-ia que sou um poeta desse real, que os meus poemas constroem enquanto modalidades do real.” Afinal, como antropólogo e poeta, qual a sua concepção de realidade? Você poderia explicar-me melhor o que vem a ser modalidades do real?

Luís Quintais: O real é a mais dura das categorias, é aquilo que, mesmo que eu faça um gesto de vontade própria, mesmo que eu insista, não desaparece. A ordem dos fatos tem a ver com a ordem do real. Seja como for, eu acho que toda a nossa relação com o real é inventada, sendo que inventado etimologicamente nos remete para algo que é descoberto e

algo que é criado em simultâneo. Há uma espécie de ambiguidade semântica na palavra invenção. Invenção tem a ver com algo que é descoberto, que está aí, e algo que é criado. E toda a nossa relação com o mundo é de interferência. Nós não podemos fazer outra coisa senão interferir na ordem das coisas, seja através da ciência, através da poesia, da arte, de outra coisa qualquer. Portanto, eu acho que o mundo é construção nesse sentido. Construído porque é inventado e, se ele é inventado, é porque é descoberto, é encontrado, mas é também criado, é ambas as coisas. Há poetas que acham que são veículo de algo que os excede e que a poesia, para aqueles que possuem a “graça”, se escreve sem intervenção, como se fosse lida apenas, como se o mundo fosse uma partitura ou um texto. A Sophia de Mello Breyner é assim, o Herberto Helder é assim. Os aborígenes, na Austrália, pensam o mesmo. Leia-se, por exemplo, o Songlines do Bruce Chatwin. Eu acho isso muito insólito, estranho, e, pese embora a iniludível beleza dessa forma de “primitivismo”, acho até estranho que alguém acredite nisso. Eu acho que nós descobrimos coisas, mas que, simultaneamente, as criamos. Esse momento de descoberta é um momento de criação e, nesse sentido, a palavra invenção é a mais adequada. É inventar um mundo porque simultaneamente é descobrir e criar. E acho que escrever poesia tem a ver com isso. Tem a ver com essa ambiguidade, com essa possibilidade de se descobrir criando. E isso interessa-me muito.

Deyse: Em entrevista com o Danilo Bueno, você menciona uma mudança em seu percurso enquanto escritor cuja tendência agora é publicar livros que sejam em si um poema com um projeto inicial de escrita, em vez de um livro com vários poemas circunstanciais reunidos. Por que você acredita nesse caminho? Afinal, um livro com vários poemas cujo tempo os reuniu não poderia exigir dos leitores uma leitura inteiriça, revelando também ele um projeto de escrita?

Luís Quintais: Quando escrevemos poemas, basicamente nós não nos preocupamos com o sentido global deles e, muitas vezes, ficamos insatisfeitos com o processo de construção do livro, com a impressão de que são poemas sem relação nenhuma, e não um livro de poemas, ou um poema só, porque é isso que interessa, ou que me interessa agora. Isso me deixa sempre muito ansioso, muito preocupado, pois, quando tenho que construir um livro feito por mim desses fragmentos, desses poemas, descobro, por exemplo, que tenho que retirar poemas que são às vezes os melhores, mas que não funcionam com os outros. Então, eu comecei a colocar hipóteses como os poetas modernos faziam (...) cada livro é um poema. Isso é muito difícil de fazer, tão difícil que só consegui uma vez, no Riscava a palavra ~~do~~ no quadro negro, que é o livro de que mais gosto. Quando encontramos continuidade nas coisas, continuidade formal... Como é que se faz? Isso para mim é um segredo. Tentei responder a isso no Riscava, através daquela sequência de 33 fragmentos e depois aquele texto em prosa. Eu ia usar 33 por conta dos meus poetas favoritos. O meu poema emblemático é o “The Man With the Blue Guitar”, de Wallace Stevens, que eu traduzi e

ele tem 33 fragmentos. Eu só descobri que meu livro teria 33 fragmentos no processo e é engraçada a analogia, pois a minha mulher ia fazer 33 anos, e achei curioso que aquilo ficasse com 33, e gosto do número 33... e o livro do Dante, a primeira parte, “O Inferno”, tem 34 fragmentos, mas paraíso e purgatório contêm 33 fragmentos. Mas isso também eu só descobri depois...

Deyse: E também 33 é a idade que Jesus Cristo tinha quando morreu...

Luís Quintais: Exatamente... Eu não sou nada da numerologia, mas achei que tinha graça, uma piada. Do ponto de vista construtivo, é interessante. O livro começa com uma brincadeira que é uma transformação de um verso da abertura do primeiro livro do *The Man With the Blue Guitar*, que escrevo em inglês “A shearswork of sorts” e o poema diz “A shearsman of sorts”. O shearsman é o podador. É o que faz a poda, e eu gosto dessa imagem porque é uma imagem muito nietzschiana, aquela ideia do poeta como o recenseador de acasos, mas é uma imagem muito mais intensa, imagem mais nietzschiana do que o próprio Nietzsche porque é uma imagem muito violenta. A ideia de poda é uma imagem muito violenta do ponto de vista físico. Então, eu alterei o verso, fiz uma brincadeira. Em vez de escrever “shearsman”, escrevi “shearswork”. A palavra nem existe no dicionário, eu inventei... que seria, portanto, podar os acasos, a violência de podar os acasos. No fundo, é uma brincadeira muito irônica porque eu precisava ter uma noção clara, quando eu escrevi, do livro que eu tentei construir. Há uma ideia de construção do livro, e eu sabia que eu não poderia construí-lo inteiramente porque tinha sempre que podar os acasos para fazer com que a indeterminação não tomasse a minha vida, não tomasse o poema de assalto, o livro, ou seja, eu não me deixei ir atrás. Quando nós escrevemos um poema, vamos atrás. Eu também não queria ir atrás dessa maneira, queria forçar a coisa de outra forma, mas eu não sabia aonde ia chegar com isso. Há uma tensão entre a determinação e a indeterminação, e eu queria jogar com isso. Então, portanto, aquilo é quase ao mesmo tempo um comentário irônico ao fracasso, à possibilidade do fracasso. O livro começa com o fracasso. São coisas que verdadeiramente só fazem sentido para mim. Eu gostaria de fazer mais vezes esse exercício... mas aquilo que acontece é que continua a chover poemas. Aparecem, aparecem...

Deyse: Você acha que atualmente podemos falar em linhagens poéticas, em específico no que concerne à poesia portuguesa? Há poetas contemporâneos com os quais você se identifica mais?

Luís Quintais: Não sei se há uma linhagem, mas há poetas dos quais me sinto mais próximo. Na minha geração, confesso que nem sempre me sinto muito próximo da maior parte das pessoas. O João Luis, eu gosto muito dele. Há uma espécie de falso realismo nele que acho muito curioso: a ideia de contar uma história ou criar uma situação e depois, de alguma forma, tirar-nos o tapete e desmontá-la. Na situação, está o jogo de aparências e nela se veicula a possibilidade de ser outra coisa. Acho que é um poeta interessante com o qual tenho afinidades. Se bem que eu o acho

muito mais circunstancial do que eu, é muito mais divertido do que eu. Eu acho, na verdade. O meu humor é negro, e é uma coisa muito contida. Agora, eu acho que há poetas contemporâneos com os quais eu me revejo mais. Poetas, por exemplo, como Manuel Gusmão... São quase todos mais velhos. Franco Alexandre é um poeta do qual gosto muito. Acho o Franco Alexandre o grande poeta português vivo. Gosto do Manuel Antonio Pina. Já gostei mais do Herberto Helder do que gosto. Gosto de Ruy Belo, do Cesário — gosto menos do Cesário. Aí está um poeta cheio de graça, não é? Acho que ele é um poeta bom para quem não gosta de poesia. As pessoas que não gostam de poesia gostam todas de Cesário Verde. Ele é um poeta muito bom, importante para entender a modernidade, mas, ao mesmo tempo, é um poeta que eu acho que tem esse problema de ser demasiadamente... É óbvio gostar de Cesário Verde. É fácil. Eu gosto de poesias que resistem, e Cesário Verde não é um poeta que resiste à identificação. Eu gosto de coisas que resistem a essa identificação. Há, porém, coisas do Cesário em que nós resistimos à identificação, e eu gosto disso. O Wallace Steves é um poeta opaco em muitos aspectos, e eu gosto imensamente disso. Há poetas que produzem uma espécie de sobressalto no sentido das coisas e que fazem uma poesia da qual nós não estávamos à espera. O Stevens acho que tem isso.

Eu acho que os poetas mais novos são muito diferentes do que sou. Acho que hoje há uma geração de poetas que são muito próximos do Joaquim Manuel Magalhães e que são, de alguma forma, a ortodoxia da poesia portuguesa. São pessoas como o Manuel de Freitas, o Rui Pires Cabral etc., as quais são profundamente tributárias de um certo Joaquim Manuel Magalhães e que têm uma relação com a poesia que não é a minha. Eu não gosto de pessoas que basicamente dizem isto: Eu não acredito naquilo que estou a fazer; eu não acredito na poesia. Nós vivemos em um mundo onde a crença é prévia para seja lá o que for. E ela não encontra grande justificação nunca. Mesmo quando dizemos que sabemos as coisas, nós não sabemos, cremos, acreditamos que será assim por várias razões. Poetas que não acreditam na poesia são mistificatórios, ou tendem a sê-lo. Eu acredito naquilo que faço, não tanto como escritor, mas como leitor de poesia. E, portanto, eu acredito que a poesia pode fazer a diferença. E há pessoas que estão a escrever e não acreditam nisso. E a pergunta que se está a fazer a seguir é, então, por que que se faz? E isso é muito notório. As pessoas casam-se, mas não acreditam no casamento; têm amigos, mas não acreditam na amizade, não investem o suficiente na amizade; envolvem-se na política, mas não acreditam nela, na possibilidade de transformar o mundo. E isso nota-se na poesia e em alguns poetas. Cito a geração mais nova. Há um cinismo na geração mais nova. Eu gosto da ironia, mas não gosto do cinismo. Há um desencantamento cínico, um ceticismo absoluto e cínico. Para isso, leio Thamas Bernhard, que é um grande escritor, um homem de um cinismo talvez atroz. Mas nós sabemos ao que vamos quando o lemos. Há muita música e poesia em sua obra. Qualquer livro de Bernhard está construído como se fosse uma partitura, e ali há uma crença na possibilidade de se fazer qualquer coisa através da linguagem. Eu acho que isso é decisivo porque senão não vale a pena, mais vale estar quieto.